

ENTREVISTAS E DESENHOS COMENTADOS: COMPARAÇÃO DA EFICÁCIA DE INSTRUMENTOS PARA O CONHECIMENTO DA PERCEPÇÃO E DOS SENTIMENTOS DE CRIANÇAS DE 7 E 8 ANOS SOBRE AULAS DE TREINAMENTO NO FUTEBOL.

CARLA SOARES BOSCO
GREICE KELLY DE OLIVEIRA
Universidade Presbiteriana Mackenzie - Barueri - São Paulo
Brasil - carlaefbacharel@yahoo.com.br

Introdução

O desenho se esconde em cadernos. Rabiscos em paredes, em cantos de páginas de livros velhos, anotações de caneta Bic na pele das costas da mão. Lugares escondidos, alfarrábios ou relíquias a espera de revelação (TIBURI E CHUI, 2010, p.41).

A realidade cotidiana, tanto quanto as pesquisas, revelam que a criança estabelece uma relação muito próxima entre o universo vivido e o desenho. A pedagogia do desenho infantil reúne explicações sobre a importância do “desenhar” para o desenvolvimento do ser humano no decorrer de sua infância. (PAULA, 2001; SILVA et al., 2007).

Favorecido como objeto principal para a expressividade da criança, o desenho também é abordado para a valorização do ensino aprendizagem (SANS, 2007). Portanto, a partir do pressuposto de que o desenho é um importante instrumento de comunicação, expressão e que não só devemos evitar o bloqueio do processo criativo da criança, como também aproveitar seu potencial de comunicação dos desejos, expectativas de pensamentos infantis, esta pesquisa se justifica tanto pela importância e necessidade de obtenção de meios eficazes de apreensão dos sentimentos, pensamentos e representações sociais próprios da infância, quanto para aproximação da percepção infantil (em especial satisfações e insatisfações) acerca de programas de atividade física voltados à esta idade. Para tanto, além da revisão da literatura sobre esta temática que envolve a abordagem de autores que procuraram analisar a expressividade infantil por intermédio da oralidade e/ou de desenhos, em diferentes etapas do desenvolvimento humano, foi realizada uma pesquisa de campo na qual se procurou aprofundar os conhecimentos acerca da eficácia (ou não) do desenho como facilitador da expressão de ideias e sentimentos de crianças de 7 e 8 anos.

Especificamente, este estudo tem como objetivo comparar a eficácia da utilização do desenho comentado, ou seja, acompanhado de explicação da criança, à utilização da entrevista direta, para a obtenção de conhecimento sobre o que as crianças sentem e pensam sobre as aulas de futebol.

Revisão de Literatura

A relação do desenho com a expressão infantil

Seabra et al. (2009), relatam que em cada estágio da maturação psicológica da criança, o desenho assume um caráter próprio. Estes estágios definem “maneiras” de desenhar que são bastante similares em todas as crianças, apesar das diferenças individuais de temperamento e sensibilidade (FASSINA, 2008).

Silva (2002) apud Barbosa e Carvalho (2008), a partir dos 6 anos o desenho, a gráfica e a oralidade podem ser manifestados de maneira mais clara, ajudando no processo de percepção ou análise do próprio desenho para nos aproximar das emoções do aluno (BECCHI, 1994; TIBURI E CHUI, 2010). O desenho assumirá um caráter próprio individual. Podemos

observar que a criatividade e a expressão variam diante das vivências, sócio afetivo, cognitivo, emocional e motora. Fazendo parte de um ato primordial da criança, temos o desenho como referência da relação da realidade que a criança conhece com o que imagina. Desta forma, compreendemos que não importa a relação direta que a criança tem com o objeto, e sim, como ela irá interpretá-lo, compreendê-lo, repassá-lo para o papel e nos dizer o que está desenhado:

No momento em que a criança desenha (atividade expressiva), ela materializa, em seu desenho, a imagem que criou internamente para dar conta das suas emoções, confirmando nossa idéia de que, por meio da materialização, a criança conhece, organiza e elabora sua emoção [...] no desenho, a criança expressa o significado e sentido que vê nos objetos, mas não desenha a realidade como ela é, e sim, a realidade conceituada, como esta realidade é percebida pela criança e memorizada. Como processos complexos, a memória e a imaginação transparecem no desenho por meio dos esquemas figurativos dos objetos reais que fazem sentido para a criança e que estão carregados de significação” (SOUZA et al., 2003, p. 104).

Portanto, o desenho feito por crianças não é uma forma de tentar demonstrar a aparência do objeto, mas como ela se expressa em relação aquele objeto (BARBOSA & CARVALHO, 2008). Wiggers (2005) defende que a melhor opção para entendermos o mundo infantil é participando e convivendo com este, dando “espaço” para que as crianças se expressem de maneira diversificada. O desenho facilita o entendimento e aproxima a relação da criança com as pessoas ao seu redor. Podemos compreender que, se trabalharmos o desenho com a oralidade da criança, os resultados obtidos serão aproximados com o que realmente a criança sente em relação ao que ela desenha.

Entrevista com crianças

A eficácia da técnica de entrevista com crianças ainda é pouco explorada pela literatura (CARVALHO et al., 2004). Isso acontece, inclusive por pensar, que a criança é incapaz de ter opiniões formadas. Hoje, com um conhecimento sobre a criança cada vez mais acurado, essas suposições têm sido um pouco mais exploradas, e assim há um crescente interesse pelo que as crianças pensam e sentem a partir do advento de se conceber a criança como um sujeito produtor de cultura e não apenas um objeto passivo diante desta (FARIA et al., 2002). Por outro lado, muitas vezes a entrevista é o principal instrumento de coleta de dados com crianças ou é utilizada para complementar a análise da observação direta do comportamento infantil. Por vezes, o desenho, juntamente com os seus comentários (entrevista) é reconhecido como fértil fonte de captação de dados (CARVALHO et al., 2004; ALDERSON, 2005). Nesse contexto, ressalta-se a necessidade de uma maior discussão e compreensão do papel e significado da oralidade viabilizada ou não por intermediários como o desenhos ou vídeos (autoscopia) para um o aprimoramento metodológico de pesquisas com crianças.

Iniciação no futebol: uma prática educacional?

Na atualidade, a iniciação esportiva tem sido alvo de diversos estudos, dentre os quais encontramos aqueles que defendem a perspectiva de a criança e suas necessidades devem ser priorizadas. Sob esta ótica, Scaglia (1996) defende que os professores devem estar atentos a promoverem treinos e/ou aulas voltados à formação de agentes transformadores promovendo reflexões sobre atitudes e liberdade de expressão, aprendendo a conviver em sociedade (SCAGLIA, 1996). Neste sentido, o jogo em si pode ser concebido tanto como

conteúdo quanto como estratégia para atingir os objetivos supracitados, mas muitas vezes este é negligenciado em nome do trabalho com os fundamentos técnicos necessários à prática esportiva. No entanto, mesmo sob o enfoque da aprendizagem motora, estudiosos como Garganta (2002), vêm postulando que a necessidade se exigir a capacidade de adaptação do aprendiz a situações novas, aplicação habilidades para a solução de problemas do contexto real do jogo, o que pode ser alcançado por meio de brincadeiras que aproximem os alunos ao jogo propriamente dito. Além de aproximar os alunos da realidade do jogo, há que se considerar o aumento significativo do interesse da criança pela prática esportiva por meio desta estratégia, uma vez que o movimento, a brincadeira e lúdico são constituintes especiais da infância. Portanto, a partir do momento que os alunos são colocados no centro do processo ensino-aprendizagem “a pedagogia deve inserir-se na realidade trazida por eles afim de compreender o que manifestam e de interferir dando lhes condições de participarem e entenderem o fenômeno esportivo, suas dimensões e suas possibilidades.” (RODRIGUES & MONTAGNER, 2005, p.1).

Metodologia

Essa pesquisa possui pressupostos metodológicos e delineamento qualitativos (MARCONI & LAKATOS, 2009; THOMAS & NELSON, 2002). Para atingir o objetivo desse trabalho, foram escolhidas duas técnicas de pesquisa: a entrevista e o desenho comentado.

A amostra foi composta por 6 alunos de 7 e 8 anos do sexo masculino participantes de aulas de uma escolinha de futebol localizada na cidade de Barueri –SP. Esta idade foi escolhida devido à indicação da literatura de que a partir dos 6 anos as crianças podem desenhar e se expressar verbalmente de forma mais clara, ajudando no processo verbal e expressão pelo próprio desenho (SILVA, 2002 apud BARBOSA & CARVALHO, 2008). Garantindo os procedimentos éticos, a pesquisa só foi iniciada após as autorizações dos sujeitos, de seus responsáveis e da instituição participantes do estudo, por meio das Cartas de Informação sobre a pesquisa e dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. Dentre os procedimentos de coleta dos dados, após uma atividade de “quebra-gelo”, os sujeitos foram convidados a: 1º) Na parte da frente de uma folha de papel a desenhar “o dia mais feliz no treino” e no verso desta “o que menos gosta na aula do professor”. Após cada desenho os alunos comentavam o feito. 2) Após o término dos desenhos comentados foi realizada a entrevista semiestruturada, contendo as questões: a) Qual foi o dia mais chato ou triste no treino? b) Qual foi a aula em que você mais gostou do professor?

O tratamento dos dados foi realizado com base na Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2004), processo do qual emergiram três categorias sob as quais os resultados são apresentados a seguir.

Resultados

I. Comparando os instrumentos: entrevista e desenho comentado.

Nessa categoria procurou-se comparar os instrumentos de coleta de dados adotados, no que se refere à viabilização da expressão de idéias, quantidade e qualidade dos dados (expressões emocionais, riqueza de detalhes e desenvoltura das crianças). Os dados revelaram que a maioria dos sujeitos se mostrou quantitativa e qualitativamente mais comunicativa e desenvolta ao comentarem seus desenhos do que na entrevista não precedida de desenho. Este comportamento foi evidenciado em quatro dos seis sujeitos e pôde ser explicitado em comportamentos como o apresentado pelo sujeito, em que ao executar e apresentar seu desenho o aluno sorriu e comunicou-se detalhando o dia mais feliz que viveu na escolinha, narrando os gols e o campeonato como um todo. Assim como o sujeito 1 o sujeito 2 foi mais expressivo no relato sobre o desenho do que na entrevista. O aluno desabafou sua chateação com o trabalho com fundamentos e o enorme desejo pelo momento

do “coletivo”. O sujeito 4 demonstrou a mesma capacidade de expressão por meio de ambos os instrumentos. Contrariamente à maioria, o sujeito 3 expressou-se melhor via entrevista por meio da qual o aluno deixou explícitos sentimentos, revoltas e argumentos relativos às aulas. Este dado possibilitou o levantamento de uma hipótese sobre a qual não encontramos menção na literatura. Trata-se da possibilidade do ato de desenhar ser constrangedor ou desmotivador para aquele que não gosta de seus próprios desenhos ou que se julga incapaz de fazê-lo bem, ou ainda que possua medo do olhar e da avaliação do outro em relação à sua produção. Neste sentido, esse dado pode ser considerado relevante para refletirmos sobre o quão importante se torna a abordagem diferenciada de cada indivíduo o que torna a pesquisa e o ensino com crianças bastante singular. A abordagem qualitativa de pesquisa nos permite esse olhar e novos investimentos neste sentido são necessários.

II) Motivos das satisfações e insatisfações das crianças em relação aos treinos.

Esta categoria abrange as satisfações e insatisfações dos alunos em relação aos treinos, ou seja, nesta forma organização e análise dos dados nosso interesse esteve voltado às percepções dos sujeitos e não à eficácia dos instrumentos.

Quanto às satisfações, as unidades de significados emergentes levaram às seguintes subcategorias: Campeonato; Vencer; Fazer gols; Coletivo; Dia de treino; Cobrar pênaltis no treino; Brincadeiras; Driblar o adversário; Troca de passes; Chute ao gol; Fazer gols.

Notadamente, o sujeito 1 caracteriza e ressalta os dias de um campeonato tanto em seu desenho como no seu comentário, ficando clara sua motivação para esta atividade em especial pelos gols que o sujeito realizou os quais detalhou com riqueza. Da mesma forma os sujeitos 4 e 5 são bastante enfáticos e corporalmente expressivos, além de detalhistas, ao revelarem a felicidade nos momentos em que fizeram gols. Também as brincadeiras e em especial o momento do “coletivo” foram bastante citados aliados à expressões corporais de alegria.

As atividades com componentes lúdicos, como o jogo, parecem possibilitar liberdade expressiva e criativa, por outro lado, no tocante às insatisfações, as subcategorias extraídas foram: Pouco tempo para o coletivo; Perder gol; Quando não joga muito; Quando não realiza as cobranças de pênaltis no final da aula; Quando não há penalização nas “faltas” ocorridas no jogo. Como exemplo, para falar do que acha chato, o sujeito 2 mostra-se muito triste, e gesticulando bastante, conta que não gostou da aula que “treinou mais que tudo”. No mesmo sentido, encontramos a tristeza dos sujeitos 3 e 4 ao revelarem suas queixas de, respectivamente, exclusão do jogo devido a um pequeno acidente e o dia em que o coletivo durou apenas quatro minutos devido ao treino dos fundamentos ter sido mais pesado. Criticando a exacerbação da atenção atribuída ao gesto técnico, Scaglia (1996, p.5) defende:

Muitas vezes, a criança é subordinada à aprendizagem de estereótipos escritos em manuais técnicos, com “bulas” que prometem alcançar resultados mediatos, onde não há a preocupação em determinar uma posologia, adequando os graus de dificuldade a serem transmitidos às crianças. Como resultado produz-se, às vezes, atletas espetaculares, mas não se dão conta do processo de desumanização que envolve os rituais de seus procedimentos. É esta estereotipação de gestos técnicos aliada a automação de movimentos que ocupam o lugar de uma pedagogia de esporte que humanize todo este processo; que não se preocupa em produzir um atleta, mas em primeiro lugar produzir o homem, que poderá vir a ser o atleta do futuro, mais completo e seguro das suas possibilidades. Uma boa pedagogia não é aquela que demonstra um gesto para ser imitado, automatizado, mas é aquela que permite ao educando vivenciar um processo de ensino-aprendizagem, onde, através de explorações, pode descobrir o seu gesto motor.

Longe de compartilhar de uma visão utilitarista do lúdico, o que pode ser encarado como uma contradição ou inadequação conceitual, é possível reconhecer que este elemento fundamental da vida humana e em especial na infantil, pode motivar os participantes de atividades físicas a se manterem em prática regular, vivenciadas com espontaneidade, de livre escolha, com participação prazerosa, criativa, livre e respeitando habilidades e singularidades pessoais (Scaglia, 1996). Há que questionar e investigar o quanto essa dimensão lúdica ou aspectos desta são possíveis e consideradas nos programas de atividades físicas para crianças. Entende-se que componentes do lúdico como o prazer e a participação ativa dos alunos nas decisões e criação das atividades nas aulas de práticas corporais levem a um maior envolvimento nestas, aspecto fundamental no processo ensino-aprendizagem.

Considerações Finais

O desenho comentado comparado à entrevista mostrou-se mais eficaz com a maioria dos participantes do estudo, mas não com todos o que aponta para a importância de novos investimentos em estudos tanto no que se refere ao desenho comentado enquanto um instrumento de pesquisa quanto sobre de aproximação das representações infantis sobre diferentes componentes do processo de ensino-aprendizagem. Este estudo revelou que, para o grupo investigado, as atividades que unem processo ensino-aprendizagem a componentes lúdicos, em especial a situação de jogo em si, são muito significativas e fonte de satisfação das crianças, na mesma medida que o trabalho com excesso de exercícios com pouco tempo de brincadeiras e de jogo de futebol propriamente dito é a causa principal das insatisfações, na percepção das crianças. Ressalta-se que estas conclusões foram obtidas nas circunstâncias e limitações subjacentes a este estudo, apontando que novas pesquisas sobre o uso de desenhos como meio de expressão infantil em pesquisas, bem como o resgate da opinião de crianças acerca de programas de atividades físicas podem ser bastante profícuos para o aprofundamento de pesquisas e práticas pedagógicas voltados à infância.

Referências

- ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre metodologia de pesquisa. *Educação & Sociedade*, v.26, n.91, p.241-255, 2005.
- BARBOSA, M. C. Lima & CARVALHO, A. M. P.. O desenho infantil como instrumento de avaliação da construção do conhecimento físico. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, v.7, n.2, p. 337-348, 2008.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 3ª ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BECCHI, Egle. *Retórica de Infância*. Perspectiva – UFSC. n.22, p.63-95, 1994.
- CARVALHO, Ana M. A; BERALDO, Katharina E. A; PEDROSA, Maria Isabel; COELHO Maria Teresa. O uso de entrevistas em estudo com crianças. *Psicologia em Estudo*, v.9, n.2, p.291-300, 2004.
- FARIA, Ana Lucia Goulart; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Práticia Dias. Por uma cultura da infância. *Metodologias de Pesquisa com crianças*. 1º ed. Campinas: Autores Associados, 2002. P. 113-126.
- FASSINA, M. K. *Desenhado - Um estudo sobre o desenho infantil como fonte de múltiplas possibilidades no ensino fundamental*. Dissertação de Mestrado, CEART/UDESC, 2008.

GARGANTA, Júlio. Competências no ensino e treino de jovens futebolistas – Revista Digital – n. 45, p. 1-3, 2002

MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de Metodologia Científica. 6º ed. São Paulo: Atlas S.A., 2009. p.188-197.

PAULA, Lucimara Cristina. Formando leitores durante a alfabetização: O Desenho e a Literatura Infantil. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, p.1-12, 2001.

RODRIGUES, Eduardo Fantato & MONTAGNER, Paulo Cesar. Esporte-espetáculo, televisão e pedagogia do esporte: O que as crianças compreendem e as relações com um programa esportivo de televisão. Revista Digital – Buenos Aires, n.85, p.1-1, 2005.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. Pedagogia do Desenho Infantil. 1º ed. Campinas: Atomo, 2007. P. 30-52 p.

SCAGLIA, Alcides José. Escola de Futebol: Uma prática pedagógica. P.1-21, 1996.

SCAGLIA, Alcides José. Escolinha de Futebol: Uma Questão Pedagógica. Revista Motriz, v.2 n.1 p.36-43,1996.

SEABRA, Douglas de Castro; AGUIAR, Heloísa Helena Galúcio da Costa; SANTOS, Márcia de Souza; FERNANDES, Simone Cristina; RIBEIRO, Wanda Maria Soares Gomes. O desenho como prática educativa na educação infantil: um salto qualitativo na aprendizagem. Revista Brasileira Pedagogia em Ação, v.1, n.1, p.1-141, 2009. SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MELO, Beatriz Medeiros; APPOLINÁRIO, Andréa Peres. A Família tal Como Ela é nos Desenhos de Crianças. Revista Brasileira Ruri, v.1,n.1,p.105-155, Março de 2007.

SOUZA, Simone Vieira; CAMARGO, Denise; BULGACOV, Yara Lucia. Expressão da emoção por meio do desenho de uma criança hospitalizada. Psicologia do Estudo, v.8, n.1, p.101-109 , 2003.

THOMAS, Jerry & NELSON, Jack. Métodos de Pesquisa em Atividade Física. 3º ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 322-336.

TIBURI, Marcia & CHUÍ, Fernando. Diálogo/Desenho. São Paulo: Editora Senac, 2010. p. 5-130.

WIGGERS, Ingrid Dittrich. Cultura Corporal Infantil: Mediações da Escola, da Mídia e da Arte. Revista Brasileira Científica. Esporte Campinas, v.26, n.3,p.59-78, 2005.

Palavras-chave: desenho comentado; entrevista; criança; futebol

Carla Soares Bosco

Alameda Franca, 959

Condomínio Nova São Paulo, Itapevi – São Paulo - Brasil

carlaefbacharel@yahoo.com.br

Telefone: (11) 7780-3878